

Por onde vou começar?

I. Baschevis-Singer

Tradução de JACÓ GUINSBURG

– Por onde vou começar? Antes de tudo, permitam que lhes diga quem eu sou. Eu sou, saibam, neto de rabi. Descendo descendo do “Judeu Santo”⁽¹⁾. De parte de mãe, descendo do Schac⁽²⁾, descendo também do Ram’a⁽³⁾, do Raschi⁽⁴⁾ e efetivamente do Rei Davi. Assim reza a carta genealógica. Qual a diferença? Eu estava na Polônia em 1939, quando os nazis, apagado seja o seu nome, bombardearam Varsóvia. Fugi com os outros judeus pela ponte de Praga e saf a pé para Bialistock. Sou alguns anos mais jovem do que vocês, embora eu tenha a barba branca. Não vou me pôr a lhes contar aqui toda a minha biografia. Arrastei-me pela Rússia, passei fome, dormi em estações, perfiz toda a lista de aflições. Depois, em 1945, contrabandeei-me do país de Stalin e consegui chegar a Lublin. Lá encontrei uma antiga namorada minha. Nosso encontro foi um milagre. Mas quando não se tem fé, não se vê milagres. Nós tínhamos para tudo uma resposta: o acaso. O mundo é um acaso, o homem é um acaso e tudo o que acontece com ele também é um acaso. Eu era, em Varsóvia, membro dos Tzairé-Tzion (Jovens de Sion). Meu pai, paz à sua memória, era dono de uma mercearia na Rua Gentzse e eu o ajudava um pouco na loja e o resto do tempo me dedicava a assuntos de partido.

Minha garota, Tzile, era uma comunista roxa. Frequentemente tínhamos discussões inflamadas. Quando eu não concordava com ela, muitas vezes me dizia aquilo que todos os comunistas costumavam dizer: que depois da Revolução ela iria me pendurar no primeiro poste. Mas por enquanto, antes de me pendurar, fomos juntos à ópera e com frequência entrávamos no Literatenfarain (União dos Escritores) para ouvir uma palestra. O senhor ainda não dava então conferências, mas publicava coisas nas *Literarische-bleter* (Folhas Literárias) e nós dois, eu e Tzile, éramos leitores apaixonados das *Literarische-bleter*, embora eu não apreciasse o esquerdismo da publicação, ao passo que Tzile achava que ela não era suficientemente esquerdista. Nós amávamos a cultura, a literatura ídiche e tudo o mais. Frequentávamos o teatro ídiche. No fim de contas, ela, Tzile, também era uma moça de família hassídica. O pai era um *hassid* (devoto) do rabi de Ger. Os irmãos usavam longas *peies* (mechas laterais de cabelo). Todos pereceram.

Quando nos encontramos em Lublin, foi como uma espécie de Ressurreição dos Mortos. Eu tinha certeza que ela estava morta. Ela me considerava um defunto. Ela já se havia curado do comunismo. Quem vive naquele país não pode ter mais nenhuma ilusão. Mas, naturalmente, ambos continuávamos sendo o que se chama de progressistas. Eu continuei sionista, mas ela ainda acreditava que o socialismo é o remédio para todas as pragas do mundo. Stalin, sem dúvida, não prestava. Mas se Trotski tivesse ficado no poder, o Kamenev, se os bolcheviques e mencheviques se houvessem unido, a Rússia ter-se-ia tornado um paraíso. Se a vovozinha tivesse rodas, ela seria um bonde. Logo no primeiro encontro travamos uma discussão sobre a maneira de salvar o mundo, como convém a dois intelectuais. Pouco mais tarde, pegamos os trecos e nos pusemos a perambular na direção da Alemanha. Legalmente não se podia fazer nada então, não tínhamos passaporte, nem papéis. As leis deles são de tal ordem que se vocês não querem se associar a seus crimes nem ser vítimas deles, vocês são suspeitos. Já possuímos, graças a Deus, um país próprio, mas os nossos dirigentes copiaram tudo deles. Aqui não se pode, ali não se deve. Tudo é proibido. Eles fazem pouco do *Schulkhan Aruch*⁽⁵⁾, mas o *Schulkhan Aruch* deles – Deus me perdoe mil vezes a comparação – contém mil vezes mais proibições do que o nosso. Mas isso fica pra depois...

A academia

Scholem Asch

Tradução e Apresentação de JACÓ GUINSBURG

Scholem Asch, o mais talentoso dos discípulos de Peretz e o romancista ídiche mais lido internacionalmente até a ascensão do nome de I. Baschevis-Singer depois da Segunda Guerra Mundial, foi em tudo o oposto de Nornberg. Isto é vistvel já em Dos shtetl (A cidadezinha), o livro que assinala a verdadeira entré artística de Asch. Em suas mãos, o vilarejo se transforma basicamente: de um lado, Asch alarga-lhe as fronteiras, com ímpeto romântico, a ponto de abranger o mundo judeu e não-judeu e, de outro, firma-o no solo nativo, não como algo exótico ou anômalo, mas como um

1 *Iid-ha-Kodesch*, denominação dada ao Rabi Isakov Itzhak de Pshedborzh (1765-1813) por seus devotos.

2 Schabetai Cohn, autoridade na *haha-há* e comentador do *Schulkhan Aruch*.

3 Rabi Moisés (A) Isserlisch, exegeta e legislador rabínico do séc. XVI.

4 Rabi Salomão ben Izaak, famoso hermeneuta medieval.

5 “Mesa posta”, uma das mais difundidas codificações rabínicas, de autoria de Iossef Caro, no século XVI.